

A Ambição Mediocre do Poucochinho: Portugal, a arte de sonhar de joelhos



do Poucochinho: Portugal, a arte de sonhar de joelhos

Portugal não precisava de ideologia para explicar o seu atraso. Bastava-lhe esta doutrina nacional: sonhar pequeno, prometer devagar e chamar prudência à falta de coragem.

Nota de abertura:

A ambição do poucochinho é a forma elegante da resignação portuguesa. Não grita, não incomoda, não assusta os instalados. Apenas administra o atraso, com bons modos, linguagem técnica e calendário eleitoral.

Portugal tem uma doença antiga, persistente e perigosamente bem vestida: a ambição do poucochinho.

Não é pobreza material. Essa existe, pesa, humilha e condiciona vidas. Mas há coisa pior: a pobreza de horizonte. A incapacidade de imaginar grande. A

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

É a grande escola nacional do “devagarinho”, do “vamos ver”, do “não se pode fazer tudo”, do “é preciso ser responsável”, do “temos de convergir gradualmente”. Gradualmente, sim. Tão gradualmente que quando Portugal chegar ao destino, o destino já emigrou, arranjou emprego na Holanda e comprou uma bicicleta eléctrica.

A mais recente pérola desta mentalidade é a ideia de que Portugal poderá ter salários de nível europeu daqui a vinte anos. Vinte anos. Duas décadas. Uma geração inteira convidada a esperar pacientemente pelo direito a viver com dignidade no seu próprio país.

Isto não é ambição. É uma nota de rodapé com bandeira nacional.

Num mundo em aceleração tecnológica brutal, onde a inteligência artificial, a automação, a robótica, a computação avançada, a biotecnologia, a energia limpa e a reindustrialização inteligente estão a mudar economias em ciclos de poucos anos, Portugal continua a pensar em horizontes de vinte anos para atingir aquilo que devia ser prioridade urgente: salários dignos, produtividade real, empresas sofisticadas, retenção de talento e capacidade de competir por valor, não por miséria salarial.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

preferência agradecidos e com recibo de vencimento em formato patriótico.

A modéstia como doença política

Há uma diferença enorme entre prudência e mediocridade. A prudência mede riscos, prepara recursos, executa com inteligência. A mediocridade encolhe objectivos para evitar falhanços. Portugal escolheu demasiadas vezes a segunda opção e chamou-lhe estabilidade.

O país habituou-se a governos que não sonham transformar Portugal, apenas administrar a sua lentidão. Governos que não dizem: “vamos mudar o modelo económico”. Dizem: “vamos criar condições para uma evolução gradual”. A frase até parece séria. Mas traduzida para português corrente significa: “ninguém se aflija, tudo continuará parecido, só que com mais slides”.

A ambição política portuguesa raramente é romper. É ajustar. É mexer um bocadinho. É reformar sem incomodar demasiado. É prometer sem comprometer. É anunciar sem executar. É empurrar o futuro para depois

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

salário, pouca produtividade, pouca indústria, pouca ciência aplicada, pouca escala empresarial, pouca coragem reformista, pouca exigência, pouca responsabilização. Depois admiram-se que também haja pouca confiança.

Portugal quer resultados europeus com métodos paroquiais. Quer salários altos com empresas de baixa produtividade. Quer jovens qualificados sem lhes pagar como qualificados. Quer inovação sem risco. Quer investimento sem burocracia reformada. Quer crescimento sem mexer no sistema que impede o crescimento.

É uma espécie de milagre económico invertido: queremos colher trigo depois de semear desculpas.

Vinte anos para pagar melhor: a confissão de derrota

Dizer que Portugal poderá atingir salários europeus daqui a vinte anos é aceitar que uma geração inteira viverá abaixo do que merece. É pedir aos jovens que esperem. Aos trabalhadores que aguentem. Às famílias que façam contas. Aos licenciados que escolham entre emigrar ou ficar em modo sacrifício. Aos empresários competentes

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

criança e vê-la emigrar.

É tempo suficiente para uma tecnologia nascer, dominar o mercado e tornar-se obsoleta.

É tempo suficiente para outro país criar um sector inteiro de futuro enquanto Portugal ainda discute o grupo de trabalho para a estratégia preliminar.

É tempo suficiente para perder talento, investimento, escala, confiança e soberania económica.

E o mais dramático é que esta meta nem sequer é apresentada com vergonha. É apresentada como ambição. Como se fosse grandeza dizer ao povo: “aguentem mais vinte anos, estamos a trabalhar nisso”.

Trabalhar nisso? O país trabalha há décadas. Os portugueses trabalham. Emigram. Estudam. Pagam impostos. Cuidam de famílias. Criam empresas. Agarram serviços públicos com unhas e cansaço. O que tem faltado não é trabalho do povo. É inteligência estratégica no comando.

O problema português não é falta de esforço. É falta de modelo.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Portugal continua preso a uma ideia perigosa: a de que baixos salários são uma vantagem competitiva. Durante anos, vendeu-se o país como simpático, seguro, barato, turístico, flexível, acolhedor e soalheiro. Muito bonito. O problema é que um país não se desenvolve por ser barato. Desenvolve-se por criar valor.

Ser barato é bom para quem compra. Não é bom para quem vive cá.

Turismo barato não faz salários europeus. Restauração barata não faz salários europeus. Construção assente em precariedade não faz salários europeus. Serviços de baixo valor não fazem salários europeus. Empresas sem escala, sem tecnologia, sem gestão moderna e sem capitalização não fazem salários europeus.

E aqui entra a grande hipocrisia nacional: toda a gente diz querer salários altos, mas demasiados sectores continuam viciados em pagar baixo. Depois culpam a produtividade, a fiscalidade, a rigidez laboral, os jovens, os imigrantes, os sindicatos, o clima, os planetas e, se for preciso, o Marquês de Pombal.

Mas a pergunta essencial é simples: que economia estamos a construir?

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

As duas coisas não são a mesma. E Portugal tem vivido demasiado tempo na ilusão de que pode ser europeu nos preços, nos impostos, nas rendas e nas exigências, mas periférico nos salários. É uma equação moralmente indecente e economicamente suicida.

A juventude não vai esperar pela mediocridade

A geração mais qualificada da história portuguesa já percebeu a farsa. Não quer discursos sobre resiliência. Quer salário, casa, carreira, estabilidade, mérito, mobilidade social e futuro. Uma ousadia insuportável para um país que prefere jovens agradecidos, baratos e silenciosos.

Quando Portugal diz aos seus jovens que talvez daqui a vinte anos os salários se aproximem da Europa, eles respondem com um bilhete de avião.

E fazem bem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

que a estatística pareça estável. Patriotismo não é esperar duas décadas por uma dignidade que outros países pagam ao fim do mês.

Portugal formou jovens para o século XXI e oferece-lhes uma economia mentalmente presa no século XX. Depois fica ofendido quando eles partem. É o clássico drama nacional: cria-se talento, não se sabe usá-lo, perde-se talento, lamenta-se a perda, cria-se uma comissão para estudar o fenómeno.

O pouquinho tem sempre uma secretária disponível.

A política do horizonte baixo

O horizonte político português é curto quando devia ser longo e longo quando devia ser urgente.

Para reformas estruturais, pede paciência de vinte anos.

Para eleições, pensa em vinte dias.

Esta é a esquizofrenia do regime: tudo o que exige coragem fica para décadas; tudo o que rende votos precisa de comunicado até sexta-feira.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

empresariais assentes em baixos custos. Fala de ciência, mas perde investigadores. Fala de habitação, mas deixa uma geração encurralada entre rendas absurdas e crédito impossível. Fala de interior, mas deixa o interior envelhecer, desertificar e arder.

Portugal não precisa de mais promessas. Precisa de velocidade histórica.

Não no sentido de precipitação idiota, que disso também temos em stock. Precisa de uma urgência inteligente: a urgência de quem percebe que o mundo não espera pelos países que confundem cautela com sono.

A ambição que Portugal devia ter

Portugal devia estar a discutir outra coisa.

Não “salários europeus daqui a vinte anos”.

Devia discutir como duplicar sectores de alto valor em dez anos. Como reter talento agora. Como atrair empresas tecnológicas com centros de decisão, não apenas call centers com mesas modernas. Como transformar universidades em motores económicos reais. Como ligar ciência, indústria e Estado. Como criar capital paciente

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

energia limpa, software, robótica, saúde digital, agricultura inteligente.

Devia discutir como deixar de exportar jovens e importar remendos.

Devia discutir como fazer de Portugal um país onde trabalhar bem permite viver bem.

Devia discutir como quebrar o ciclo da dependência de sectores frágeis, sazonais e de baixo valor.

Devia discutir como substituir o poucochinho por grandeza operacional.

Grandeza, sim. Palavra proibida num país onde a ambição é frequentemente confundida com arrogância. Portugal tem medo da grandeza porque a grandeza exige comparação, exigência, risco, responsabilização e execução.

O poucochinho é mais confortável. Cabe melhor na televisão. Não assusta os instalados. Não exige reformas profundas. Não incomoda clientelas. Não mexe com poderes. Não força ninguém a pensar demasiado.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

O país que administra a própria pequenez

A tragédia portuguesa não está apenas em ser pequeno. Há países pequenos ricos, sofisticados, competitivos e influentes. A tragédia está em administrar a pequenez como destino. Em confundir escala geográfica com limite mental. Em tratar a periferia como condenação. Em aceitar que somos “assim”.

Não somos “assim”. Fomos sendo organizados assim.

Organizados para depender demais do Estado e desconfiar demais do mérito. Para proteger instalados e cansar inovadores. Para premiar a obediência e suspeitar da competência. Para colocar a burocracia antes da criação. Para tratar quem arrisca como incómodo e quem bloqueia como prudente.

O pouquinho não é uma característica cultural inevitável. É uma construção política. E como construção política, pode ser desmontado.

Mas para isso é preciso uma ruptura mental: deixar de governar para sobreviver e começar a governar para vencer.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

A ambição medíocre do poucoquinho é uma forma de empobrecimento colectivo. Não rouba apenas dinheiro. Rouba tempo. Rouba futuro. Rouba energia. Rouba jovens. Rouba confiança. Rouba a ideia de que Portugal pode ser mais do que uma economia simpática, barata, turística e obediente.

Quando um governo apresenta vinte anos como horizonte para salários europeus, não está apenas a falar de economia. Está a revelar uma visão do país: lenta, resignada, cautelosa até à anemia, incapaz de perceber que o mundo deixou de premiar quem espera sentado.

Portugal não precisa de vinte anos de paciência. Precisa de dez anos de transformação radicalmente séria.

Precisa de trocar o poucoquinho por uma ambição adulta.

Precisa de deixar de perguntar quanto consegue aguentar e começar a perguntar quanto consegue construir.

Precisa de deixar de formar talento para exportação.

Precisa de deixar de tratar salários baixos como vantagem.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

pequeno.

E Portugal já viveu pequeno tempo demais.

O pouquinho pode servir para discursos prudentes,
pactos sociais mornos e conferências com café fraco.

Mas não serve para levantar um país.

Serve apenas para o manter ajoelhado, educado,
paciente e eternamente à espera.

Da próxima promessa.

Da próxima legislatura.

Do próximo plano.

Do próximo “daqui a vinte anos”.

*“O futuro não espera por povos que pedem
licença para existir.”*

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

Esta crónica critica a cultura política do poucochinho: a tendência nacional para transformar objectivos mínimos em grandes ambições, atraso em prudência e resignação em responsabilidade.

O problema português não está apenas nos salários baixos. Está no modelo económico e mental que continua a aceitar salários baixos como destino possível, quase natural, quase inevitável.

Um país que forma talento, mas não o retém; que fala de inovação, mas protege a burocracia; que proclama futuro, mas gere o presente com medo, não está a preparar a próxima geração. Está a empurrá-la para fora.

Portugal precisa de ambição adulta: menos slogans, menos pactos mornos, menos horizontes de vinte anos e mais transformação real, mensurável, exigente e corajosa.

Blogue Fragmentos do Caos



A verdade nasce onde o pensamento é livre.

TC-CHRONIC-NEWS

 [GitHub Pages](#)

 [CodeBerg Pages](#)



Fragmentos do Caos:

[Blogue](#)

•

[Ebooks](#)

•

[Carrossel](#)

 Esta página foi visitada ... vezes.

[Contactos](#)